

A presença frágil da escultura

Ana Santos (Espinho, 1982) tem um percurso que espelha a trepidação destes tempos: formou-se em Escultura no Porto, estudou em Lisboa e na Alemanha, fez uma residência em Nova Iorque. E a sua escultura convida a uma analogia semelhante: é precária, nómada, feita de coisas frágeis, inseguras. Rolos de papel, sacos, objectos danificados, madeira leve. Algumas das suas obras mais recentes estão em exposição no Chiado 8, sob o título de "Trabalho", e revelam uma abordagem tão poética quanto pragmática à matéria, às superfícies e à luz.

Trabalho. Eis uma palavra que (hoje) lateja em sentidos urgentes. No caso de Ana Santos, sem evidentes significações políticas ou sociais. Antes enquanto lugar e processo, entre o atelier e a rua. "É uma prática diária de acumulação de materiais que encontro ou vou comprando", explica. "O atelier é um sítio onde experimento, por vezes sem a preocupação de saber o que são os materiais. Como se nunca tivesse visto papel ou estivesse a vê-lo pela primeira vez". As esculturas "disfarçam" objectos, deixando indícios de funcionalidades e contornos. E essa é a única intromissão do quotidiano na exposição.

Um rolo de papel pintado sugere uma superfície inesperada. Encostadas à parede, duas ripas de madeira reflectem uma cor discreta. Um estranho volume soergue-se do chão. Presente-se um prazer (lúdico) no fazer das coisas que contagia o espectador. E pensamos no desenho. "Na feitura destes objectos há uma proximidade entre o gesto e a ideia do que se quer fazer e vai-se procurando pistas. Como se desenhasse uma linha ou uma mancha, mas depois é próprio material que vai dando as indicações".

Desenhar pode ser cortar: há pragmatismo no modo como Ana lida com a escultura. "O meu trabalho é muito pragmático. Se posso fazer, faço. E não é menos poético por isso". A peça que na última sala fecha "Trabalho" exemplifica tal abordagem. Sob uma luz adormecida que cai do tecto, línguas de papel dourado brilham no chão e no escuro. "Procurei com o mínimo de luz criar um reflexo, uma imagem. O pragmatismo abre mais leituras poéticas sem impor leituras



Formou-se em Escultura no Porto, estudou em Lisboa e na Alemanha, fez residência em Nova Iorque. A sua escultura convida a uma analogia semelhante: é nómada, feita de coisas frágeis, insegura

específicas. E isso consegue-se quando encontramos soluções ou resolvemos problemas".

A passagem de Ana Santos por uma escola de artes, em Karlsruhe, Alemanha, em 2004, terá contribuído para a afirmação dessa atitude. "Na Faculdade de Belas Artes do Porto ainda dominava o academismo, com propostas de trabalho à volta de representação do corpo humano. Na Alemanha havia muito a mais a ideia de que a responsabilização estava com os alunos. Tinham que procurar uma voz própria. Os professores acompanhavam-nos, havia grandes discussões sobre o que se queria fazer. E fiquei admirada por ver muita gente a desenhar. Pensei que ia ver sobretudo artistas a trabalhar com vídeo e filme."

Humor e tensão

Ao pragmatismo junta-se o humor. Para chegarmos ao chão dourado que parece convidar à contemplação, temos que passar por outra sala que contraria as expectativas entretanto criadas. Dois projectores para crianças mostram nas paredes imagens enigmáticas que, afinal, não são mais do que superfícies coloridas de uma esponja. "Por vezes, as minhas obras riem-se delas próprias. Suspendem a ideia de aura e aproximam-se do espectador. Queria que essa sala per-



turbasse ou torcesse a leitura da seguinte. Que não encaixasse, que fosse uma pedra no sapato. Comprei a esponja, fiz uma espécie de corte geológico e projectei essa superfície. Também quis confrontar o espectador com a relação entre o objecto e a sua imagem. Onde está a obra? No objecto ou na imagem?"

As esculturas de "Trabalho" têm uma escala humana, íntima. Não é difícil imaginar o corpo da artista debruçado sobre os materiais, em dobragens, pinturas, recortes e outras acções. O resultado dessa actividade encontra-se em obras frágeis e tensas, como a escultura feita de dois "hula-hoops". "São duas circunferências. Cortei-as em sítios diferentes. E depois juntei as duas metades. Por causa da inclinação, por ter cortado,

"O meu trabalho é muito pragmático. Se posso fazer, faço. E não é menos poético por isso"

criam uma tensão, que é acentuada pela fita-cola". Uma relação semelhante é sugerida pelo revisor partido, resgatado da rua, que engole e devolve o espaço, ou as peças de madeira pintadas ou cobertas de cal, delicadamente encostadas à parede.

Para Ana Santos, os (seus) objectos perdem referencialidade. Fazem parte de um outro universo. "Gosto de ver o quotidiano a entrar no trabalho,

mas a minha escultura está mais próxima de uma linguagem, no sentido em que tento criar um abecedário, uma estrutura, com as suas pequenas regras. E, dentro dessa regras, ir dispondo, ir variando as formas de relacionar as peças, de escolher os materiais".

Pobres, banais, mas tensas e por vezes plenas de humor, as esculturas de "Trabalho" estão longe de prometer uma experiência estética como a que propunha Henry Bremond. Permanecem apenas disponíveis à nossa experiência, como interrogações teimosas sobre a realidade da matéria ou o pequeno mundo das coisas. "Peças frágeis que se podem desfazer ou desaparecer a qualquer momento. Mas que continuam ali", acrescenta Ana Santos.

Tensão, humor e precariedade. Assim podíamos caracterizar "Trabalho", momento revelador de Ana Santos. Uma jovem artista que trata a escultura como uma linguagem e um corpo, num perpétuo algures entre o quotidiano e "atelier". José Marmeleira